

“Assustadoramente difícil e obscuro”: Mansfield e Woolf leem *Ulisses*

“*Fearfully Difficult and Obscure*”: Mansfield and Woolf Read *Ulysses*

Jaqueline Bohn Donada

Universidade Tecnológica Federal do

Paraná (UTFPR) Curitiba | PR | BR

jaquelinodonada@professores.utfpr.edu.br

<https://orcid.org/0000-0003-4479-8731>

Resumo: Neste trabalho, procuro observar as tensões, intenções e atravessamentos artísticos e emocionais que marcam a leitura que Katherine Mansfield e Virginia Woolf fizeram de *Ulisses*, de James Joyce, a partir da análise de inúmeras passagens da escrita não ficcional de ambas escritoras. Examinando cartas, diários, cadernos e ensaios escritos por Mansfield e Woolf entre 1918 e 1941, argumento em defesa de uma ambivalência que perpassa a postura das amigas-rivais enquanto leitoras e críticas pioneiras do romance de Joyce de forma a recusar a ideia de que ambas teriam lido *Ulisses* apenas com desgosto e reprovação. Sem procurar desculpar as autoras por reações enfáticas, aponto para sutilezas em seus escritos não ficcionais que revelam a complexidade de suas reações a *Ulisses*.

Palavras-chave: James Joyce; Katherine Mansfield; Modernismo; Virginia Woolf; *Ulisses*.

Abstract: This paper aims at observing certain tensions, intentions and interrelations of artistic and emotional order in the ways in which Katherine Mansfield and Virginia Woolf have read James Joyce's *Ulysses*. I look at several passages from both writers' non-fictional writings. Through the examination of letters, diary entries, notebooks and essays written by Mansfield and Woolf between 1918 and 1941 I argue that the critical position of the rival-friends regarding Joyce's work is essentially ambivalent. I reject the idea that their opinion of *Ulysses*



was exclusively disapproving. Rather than trying to justify the authors's strong opinions, I point at certain subtleties in their non-fictional writings that may reveal the complexity of their appreciation of *Ulysses*.

Keywords: James Joyce; Katherine Mansfield; Modernism; Virginia Woolf; *Ulysses*.

Até onde eu sei, todo grande livro foi um ato de revolução.

Virginia Woolf

Microcosmo

Em maio de 1922, Katherine Mansfield aconselhou Dorothy Brett a aproximar-se com cautela de *Ulisses*: “Não leia a não ser que realmente vá se envolver com ele. É assustadoramente difícil e obscuro e é preciso ter uma lembrança muito vívida da *Odisseia* e da Literatura Inglesa para entender a coisa toda” (Mansfield, 2016, local. 20558).¹ Mansfield falava ainda sob o impacto que lhe causara a única conversa que tivera pessoalmente com James Joyce em março daquele ano (Ellmann, 1982, p. 532). *Ulisses* havia sido publicado em formato de livro em fevereiro e Mansfield viria a morrer menos de um ano depois do encontro com Joyce.

Quase 20 anos mais tarde, em janeiro de 1941, por ocasião da morte de Joyce, Virginia Woolf registrou em seu diário uma lembrança relevante para a apreciação da leitura que as duas autoras fizeram da obra mais icônica do autor. Woolf rememora um episódio em que folheava com Mansfield um manuscrito parcial de *Ulisses* entregue em abril de 1918 à Hogarth Press por Harriet Weaver:

Então Joyce morreu: Joyce que era uns 15 dias mais jovem do que eu. Lembro da senhorita Weaver, em luvas de lã, trazendo o *Ulisses* datilografado para o chá em Hogarth. Acho que foi o Roger [Fry] que disse a ela para vir. Dedicaríamos a nossa vida a publicá-lo? As páginas indecentes pareciam tão incongruentes: ela, com ar de solteirona, toda abotoada e as páginas tinindo de indecência. Guardei-o na gaveta do meu armário embutido. Um dia Katherine Mansfield veio e peguei-o de volta. Ela começou a ler e a debochar do livro. Mas, de repente, ela disse, “Mas tem algo nisso: uma cena que deveria aparecer, eu acho, na história da literatura”. Ele andava por aqui, mas nunca o vi. Então, lembro de Tom [T. S. Eliot] na casa de Ottoline [Morrell] em Garsington perguntando (já tinha sido publicado naquela

¹ Todas as traduções das cartas, diários, ensaios e cadernos de Woolf e Mansfield citadas aqui são de responsabilidade da autora do artigo. Os textos de Woolf que aparecem nos trechos 2 a 8 são retirados do volume 1 da coleção *Tradição e modernidade* (Donada, 2021), edição a qual se refere o número de página indicado em cada um deles. Os textos de Mansfield que aparecem nos trechos 9 a 14 são retirados do volume 2 da mesma coleção (Donada, 2023), ao qual correspondem os números de páginas ali indicados.

época) como é que alguém poderia escrever novamente depois de alcançar o imenso prodígio do último capítulo? (...) Eu comprei o livro azul e o li aqui num verão com espasmos de espanto, de descoberta, e depois, mais uma vez, com longos lapsos de um intenso tédio (Woolf, 2016, local. 64556).

Neste excerto, encontra-se um microcosmo do que pretendo desenvolver neste texto: as tensões emocionais e estéticas que entrecruzam as formas como Woolf e Mansfield leram o controverso romance de Joyce. A aparição de *Ulisses* causou, já em 1918, muitas sensações divergentes e inusitadas. Algumas leituras contemporâneas foram praticamente inequívocas, como a de T. S. Eliot (1988, p. 236), que teceu elogios constantes ao “esplêndido novo romance de Joyce”. Porém, as leituras feitas por Woolf e Mansfield foram mais problemáticas. A passagem do diário de Woolf insinua aquilo que uma leitura mais detalhada dos escritos íntimos, ensaísticos e das anotações pessoais de ambas autoras esclarece: a forma como leram a obra de Joyce é atravessada por sentimentos e valores conflitantes, o que resulta em uma postura que não é nem apologética, como a de Eliot, nem completamente hostil, como o senso comum sobre as duas parece ainda indicar. Se é verdade que tanto Woolf quanto Mansfield expressaram forte desagrado em relação a *Ulisses*, também é verdade que ambas manifestaram, cada uma à sua maneira, admiração. No que se segue, apresento traduções de diversos textos das amigas-rivais em que se pode observar esta posição ambivalente.

Apenas uma vez e só em parte

A relação de animosidade que Woolf tinha com Joyce tornou-se célere após a publicação das cartas e diários da autora. À medida que o acesso a esses escritos foi facilitado pelas novas tecnologias de comunicação, uma certa ideia de que a leitura que Woolf fez de *Ulisses* se resumia unicamente à desaprovação e à rejeição agressivas se difundiu entre os leitores de ambos. Citações, muitas vezes descontextualizadas, de passagens em que Woolf trata abertamente do romance de Joyce como um fracasso, seja de forma geral, seja em detalhes mais específicos, são facilmente encontradas tanto em textos acadêmicos quanto em textos informais. Naturalmente, a impressão negativa que o livro causou em Woolf é inegável. Veja-se, a seguir, trechos² que contam esta parte dessa história.

Trecho 1: Carta para Harriet Shaw Weaver, 17 de maio de 1918

Lemos os capítulos do Sr. Joyce com o maior interesse e gostaríamos de poder publicá-los, mas o tamanho é uma dificuldade insuperável para nós nesse momento. Não temos ninguém que nos ajude e, no ritmo em que conseguimos progredir, um livro de 300 páginas levaria, pelo menos, dois anos para ficar pronto – o que fica fora de questão tanto para você quanto para o Sr. Joyce (Woolf, 2016, local. 84387).

² Para uma tradução de trechos de todas as cartas conhecidas até 2022 em que Woolf trata de *Ulisses*, ver o artigo de Vianna (2022).

Trecho 2: Diário: quarta-feira, 6 de setembro de 1922

Terminei *Ulisses* e acho que é um tiro pela culatra. Tem uma certa genialidade, mas de um tipo inferior. O livro é difuso. É intragável. É pretensioso. É inculto não apenas no sentido óbvio, mas também no literal. Quero dizer que um escritor de primeira linha respeita demais a escrita para querer ser chocante, para se valer de artimanhas e de piruetas. Fico o tempo todo pensando em um estudante imberbe, espirituoso e talentoso, mas tão inseguro e egocêntrico que perde a cabeça, se torna extravagante, afetado, brigão, encabulado. As pessoas gentis têm pena dele, as sisudas apenas se irritam. Espera-se que ele amadureça, mas como Joyce já tem 40 isso já não parece provável. Eu não li o livro com cuidado e só uma vez. É muito obscuro então é claro que me descuidei dos seus méritos mais do que seria justo fazer. Sinto como se miríades de balas salpicassem e se estilhaçassem na gente sem jamais nos causarem um ferimento mortal direto na cara, como acontece em Tolstói, por exemplo. Mas é completamente absurdo compará-lo com Tolstói (Woolf, 2021a, p. 64).

Trecho 3: Carta para Gerald Brenan, 25 de dezembro de 1922

Essa geração precisa quebrar a cabeça para que a próxima possa ter uma chance melhor. Pois concordo contigo que nós é que não vamos conseguir nada. Fragmentos, parágrafos, uma página talvez, mas não mais. Joyce me parece um desastre. Não consigo nem ver, como tu consegues, os seus méritos. Uma abordagem corajosa, isso é bem óbvio. Depois, a quebra e os estilhaços de sempre. (Li Joyce apenas em parte e só uma vez). A alma humana, me parece, se reorienta de tempos em tempos e é isso que está acontecendo agora. Portanto, ninguém consegue vê-la integralmente (Woolf, 2021b, p. 54-55).

Não restam dúvidas de que a posição de Woolf frente a *Ulisses* é de desconforto e de desagrado. No entanto, para avaliar sua apreciação do livro de forma mais íntegra, é preciso ler nos detalhes e ainda ampliar a visão que temos de seus escritos. O trecho 1 é parte de uma história bastante conhecida, ainda que nem sempre bastante esclarecida. A suposta recusa de *Ulisses* pela Hogarth Press costuma ser tomada como ponto pacífico na trajetória inicial da vida pública de *Ulisses* e atribuída às ressalvas que o casal Woolf tinha a isso a que chamaram a “indecência” do romance. Nesse sentido, a recusa em publicar a obra é entendida como “surpreendente”, uma vez que o casal era habitualmente “mais sensato, sábio e astuto em relação a obras literárias” (Henig, 1973, p. 203). Não é incomum que a justificativa dos Woolfs de que *Ulisses* era demasiadamente longo para a Hogarth Press de 1918 seja descartada como apenas uma desculpa. No entanto, como Leonard e Virginia afirmaram em mais de uma ocasião, após a leitura do manuscrito entregue a eles por Weaver, eles decidiram pela publicação desde que conseguissem encontrar um tipógrafo que tivesse as condições de imprimir o material na íntegra (Woolf, 1972, p. 247).

A celebrada Hogarth Press, no dia 14 de abril de 1918, data do encontro entre Weaver, Virginia e Leonard, não contava com mais do que uma prensa manual (Woolf, 1972, p. 234). Só o que o casal poderia fazer era encontrar um tipógrafo que aceitasse a proposta, mas, como a história da publicação de *Ulisses* deixa claro, Leonard, Virginia e Katherine não foram os únicos a torcer o nariz para a suposta indecência do texto. Os Woolfs chegaram a mostrar o manuscrito para duas editoras, mas “ninguém aceitou tocá-lo e ambas disseram que nenhum tipógrafo respeitável teria qualquer coisa que ver com ele pois seus editores e tipógrafos certamente seriam processados” (Woolf, 1972, p. 247). Infelizmente, como sabemos, eles tinham uma certa razão.

Nos trechos 2 e 3, vemos uma Virginia Woolf mais livre se expressando de forma mais íntima e mais agressiva. Mas, apesar da assertividade das afirmações, ela faz questão de abrir a possibilidade de erro e marcar uma posição de dúvida ao afirmar que leu *Ulisses* em parte, apenas uma vez e sem atenção. Olhar para esse tipo de detalhe nos mostra que Woolf não tratou de *Ulisses* sempre da mesma forma. Seu tom muda consideravelmente a depender do contexto em que escreve. Nas resenhas, era muito mais contida, como qualquer leitor poderá

verificar em seu famoso “Ficção moderna” (1919, 1925), em que considera ser *Ulisses* “inegavelmente importante” (Woolf, 2016, local.1563). Nos diários, naturalmente se expressava com maior liberdade, e nas cartas, tipo de escrita em que mais frequentemente mencionou Joyce e sua obra (Viana, 2022, p. 210), o registro varia de acordo com a intimidade que tem com o destinatário. Se com Harriet Weaver ela é mais amena e formal, com Roger Fry ela se permite ser mais ácida. Já, com Gerald Brenan, vemos uma Woolf mais melancólica e reflexiva. A posição da escritora não é, portanto, inequívoca.

Entre seus escritos, há textos menos conhecidos cuja leitura é imprescindível para que se compreenda sua ambivalência em relação a *Ulisses*. As “Notas sobre a leitura de *Ulisses*” são reveladoras de uma leitora muito mais sensível, hesitante e receptiva às experimentações de Joyce.

Trechos 4 a 8: Notas sobre a leitura de *Ulisses*, sem data

Ulisses, James Joyce

A indubitável beleza ocasional de suas frases. É uma tentativa de levar o pensamento para dentro da literatura, por isso o emaranhado. Contado em episódios. A repetição de palavras como “rosewood” e “wetted ashes”. Possivelmente se possa escrever sobre o efeito de se ler algo novo, de sua estranheza. Bem, mas, afinal de contas, nem é tão diferente. Talvez não seja justo considerar tanto o método. Não é bastante limitador? Mas todo o método tem suas limitações – coisas que não podem ser ditas. Questionar o quanto aceitamos a velha tradição sem pensar (Woolf, 2021c, p. 71-72).

Ulisses

VI. Verde

O pensamento interno e então um pedaço esparso de vida por cima para mantê-lo em contato com a realidade. Todos que foram dignos do seu nome sempre selecionaram.

A ideia, um tanto injusta, de que ele está fazendo de propósito para se exhibir.

The – thrush – throstle – (Woolf, 2021c, p. 73).

Indecência

Talvez esse método penetre menos em outras pessoas e demais em uma. Tanto depende da fibra emocional da mente que pode ser verdade que o subconsciente se detenha em indecências.

Uma estranha e oscilante variedade de pensamento, romances “compostos” de acordo com as aparências. O enterro talvez {seja} a melhor coisa (Woolf, 2021c, p. 74).

Ulisses

VII. Azul escuro

Possivelmente como um cinema que mostra muito vagarosamente como um cavalo pula; todas as figuras foram feitas de antemão. Aqui o pensamento torna-se fonético – separado em pedacinhos.

Dedalus agora aparece no escritório. Não há introdução. É pra ser no turbilhão do momento, eu acho.

Stephen entra no escritório, traz a carta de Deasy. Com certeza, corta muito do que é monótono, principalmente uma desculpa para escrever.

Até onde eu sei, todo o grande livro foi um ato de revolução. Mas essas pessoas parecem tentar conscientemente (o que nos torna [urgentes]), não o desenvolvimento gradual que vemos em H[enry] J[ames] ou em Conrad (Woolf, 2021c, p. 74).

Aqui chegamos a Joyce. E aqui é preciso deixar claro que nossa posição é a de quem está perplexo e desnor-teado. Não fazemos de conta que sabemos dizer o que ele está fazendo. Sabemos tão pouco sobre as pessoas (Woolf, 2021c, p. 75).

O primeiro ponto a observar aqui é a peculiaridade destes escritos: as “Notas sobre a leitura de *Ulisses*” não são um texto acabado, mas sim uma série de anotações fragmentárias e imprecisas que aparecem em um caderno manuscrito hoje pertencente à Biblioteca Pública de Nova Iorque. Uma transcrição das notas conduzida por Suzette Henke foi publicada em

1990 na coletânea *The Gender of Modernism*. Não é possível precisar a data em que essas notas foram tomadas. Ao que tudo indica, as referências a números e cores correspondem às edições da *Little Review* em que os capítulos iniciais de *Ulisses* começaram a aparecer (Ferrer, 2006). Isso nos indica que Woolf estaria tomando essas notas enquanto lia os capítulos serializados na revista entre 1918 e 1920. Os quatro primeiros trechos citados aqui são parte das anotações fragmentárias que aparecem na primeira parte do caderno, enquanto o último vem de um “rascunho de artigo” que aparece logo na sequência e que provavelmente deu origem ao ensaio “Ficção moderna”, publicado pela primeira vez em 1919. Com essas informações, é possível concluir que as anotações provavelmente foram feitas entre 1918 e 1919.

Em segundo lugar, é importante considerar que as “Notas de leitura...” são anotações de cunho estritamente pessoal nas quais Woolf poderia se expressar livremente. No entanto, destaca-se o tom cauteloso e sensato de sua abordagem. Woolf se permite observar a beleza das frases de Joyce, a centralidade de seu método narrativo, a possibilidade de estar sendo injusta em sua avaliação e, talvez um dos pontos mais interessantes desses trechos, o fato de que Joyce está tentando “levar o pensamento para dentro da literatura”, tarefa a qual a própria Woolf vinha se dedicando ainda que, na época em que tomou estas notas, de forma iniciante. Ao que parece, Woolf pode ter reconhecido algo em comum entre seu projeto literário inicial e o grande feito de Joyce. Isso levou Suzette Henke a interpretar que Woolf possa ter visto em Joyce “um leal compatriota na luta pelo realismo psicológico” (Henke, 1990, p. 626).

Isso nos leva a um terceiro ponto relevante na interpretação desses trechos. Ainda que possamos discordar da aliança que Henke percebe entre as obras de Woolf e de Joyce, é importante ter em mente que a própria Woolf observou algo do tipo. Em 26 de setembro de 1920, ela escreveu em seu diário que havia pensado que “aquilo que eu estou fazendo provavelmente está sendo melhor feito pelo Sr. Joyce. Então comecei a me perguntar o que é que estou fazendo e passei a suspeitar [...] que não tracei meu plano suficientemente bem” (Woolf, 2016, local. 4687).

Uma tal afirmação, por um lado, dá respaldo à ideia de que a rejeição de Woolf a *Ulisses* se funda em parte em “ciúme pessoal e profissional” (Henig, 1973, p. 207), mas, por outro, coloca em nova perspectiva a tão mencionada arrogância de Woolf. Não me interessa especialmente negar ou mesmo justificar aqui essa arrogância, mas, sim, destacar a ambivalência e a complexidade das posturas de Woolf. Se é verdade que Woolf falou com pedantismo de vários de seus contemporâneos (particularmente de Joyce e de Mansfield), também é verdade que ela teve a coragem de admitir sentimentos de rivalidade, de ciúme e até de uma possível inferioridade, o que não é pouca coisa para uma mulher que carregava nos ombros o peso não apenas de seu gênero mas de toda uma tradição literária e intelectual que necessariamente recairia sobre uma filha de Leslie Stephen, principalmente a partir do momento em que ela decidiu tornar-se escritora.

Uma cena que deveria aparecer na história da literatura

Katherine Mansfield ocupa um lugar ambíguo na cena modernista. Ao mesmo tempo em que costuma ser reconhecida entre os principais nomes do movimento, em relação ao núcleo duro, digamos assim, do modernismo (Woolf, Joyce, Eliot e Pound), ela ocupa uma posição claramente marginal. Apesar do reconhecimento que obteve em vida, depois de sua morte

ela recebeu pouca atenção crítica (Martin, 2021, p. 1), pelo menos até a década de 1990. Hoje, no centenário de sua morte, percebe-se um interesse constante em sua produção, seja ela ficcional ou não. O trabalho de resgate e reavaliação da obra de inúmeras escritoras que tem sido feito pela crítica feminista provavelmente está na gênese desse interesse renovado em Mansfield. Mas ainda é possível, embora isto não possa ser mais do que uma hipótese vaga, que a recente popularização das cartas e diários de Woolf tenha tido papel semelhante. Uma hipótese ainda mais obscura é a de que a imagem de Woolf como rival de Joyce tenha contaminado a imagem de Mansfield como leitora de *Ulisses* e colocado uma ênfase demasiada em seu “desprezo por Joyce” (Belém, 2020, n.p.).

James Heffernan (2014, p. 3) explica como, vinte anos depois de Suzette Henke ter demonstrado a ambiguidade de Woolf em relação a *Ulisses*, citações das cartas e diários continuavam a ser usadas para comprovar sua rejeição obstinada. Parece haver um impulso semelhante em atribuir à Mansfield uma postura de simples desprezo ao romance de Joyce mesmo que tal leitura encontre pouco respaldo em suas afirmações sobre o autor e seu texto. A exemplo do fragmento de diário de Woolf que aparece na introdução deste trabalho, os seis trechos a seguir dão testemunho da ambiguidade da leitura de Mansfield.

Trecho 9: Carta Sidney Schiff, dezembro 1921

Uma palavra que devo dizer sobre Joyce. Tendo relido o Retrato, parece-me muito bom. Nós vamos comprar o *Ulisses*. Mas Joyce é (e Pound certamente também pensa assim) imensamente importante. Algum tempo atrás eu encontrei algo tão repulsivo em seu trabalho que foi difícil lê-lo. Fico chocada ao me deparar com palavras, expressões e coisas que eu repudiaria na vida real. Mas agora parece-me que no novo tipo de romance, a busca da Verdade é, de longe, a coisa mais importante a ser alcançada. Por isso devemos lutar contra todas as pequenas aversões e preconceitos, que não nos valem de nada (Mansfield, 2023a, p. 81).

Trecho 10: Carta para Sidney Schiff, c. 18 de janeiro de 1922

Por favor, não pense que eu estou de acordo com Joyce, pois não estou. No passado fui injusta com ele e, para reparar a minha estupidez, agora quero ser mais justa do que realmente sinto... Concordo que nem tudo é arte. Eu iria mais longe. Pouco, para mim, é, de fato, arte. É uma espécie de etapa no caminho de ser Arte. Mas o ato de projeção não foi feito. Joyce continua emaranhado nele, em um mau sentido, exceto em raros momentos. Há, para mim, a grande distinção entre ele e Proust. (Pegue, por exemplo, *Swann com Odette*) ou pegue Richard em *Elinor Colhouse*... (Mansfield, 2023b, p. 86-87).

Trecho 11: Carta Sidney Schiff, 15 de janeiro de 1922

Sobre Joyce: estou fazendo um esforço para me redimir em dobro porque talvez eu tenha sido injusta e implicante com ele. Oh, tenho grandes dificuldades para superar isso. Eu não consigo superar a sensação de linóleo molhado, penicos que não foram esvaziados e horrores muito piores que habitam sua mente. Ele é tão terrivelmente insensato; acho que se trata disso. Tenho um impulso fortíssimo de implorar-lhe que não me choque! (...) Há um tanto que conseguimos aguentar, mas o tipo de choque que resulta da vulgaridade e da banalidade, esse dá medo de receber. Parece que a mente continua a tremer depois... É exatamente o contrário daquele arrebatamento magnífico que se sente, por exemplo, quando Proust descreve, em um final de capítulo, as macieiras em flor sob a chuva de primavera (Mansfield, 2023c, p. 83).

Trecho 12: Carta para Violet Schiff, 01 de abril de 1922

Mas Joyce estava meio... difícil. Até então, eu não fazia nem ideia de como ele via o *Ulisses*, não tinha ideia do quão de perto ele segue o modelo da história grega e de quanto é necessário conhecer a segunda para entender o primeiro. Eu li a *Odisseia* e a conheço um pouco, mas Murry e Joyce simplesmente me deixaram a ver navios. Me senti quase uma idiota. É absolutamente impossível que as pessoas entendam *Ulisses* como Joyce o entende. É quase revoltante ouvi-lo falar sobre as dificuldades do livro, que contém códigos que precisam ser decifrados em cada parágrafo e coisas do tipo. A parte de Pergunta e Resposta pode ser lida como astronomia ou do ponto de vista da geologia ou ... ah, sei lá! (Mansfield, 2023d, p. 88-89).

Trecho 13: Carta para Dorothy Brett, maio de 1922

Sobre Joyce – Não leia a não ser que realmente vá se envolver com ele. Não é brincadeira. É assustadoramente difícil e obscuro e é preciso ter uma lembrança muito vívida da *Odisseia* e da Literatura Inglesa para entender a coisa toda. São voltas e mais voltas. Joyce certamente não tinha sequer um pinga de vontade de que alguém lesse, pois é muita vulgaridade. Mas confesso que dei umas boas risadas. Mas isso é porque (apesar de não aprovar o que ele fez) eu sei que Marion Bloom e Bloom às vezes são espetacularmente representados. Marion é a fêmea mais do que completa. Não há como negar. Mas é preciso lembrar que ela também é Penélope, ela também representa a noite e o dia, uma imagem da terra abundante, cheia de sementes, girando e girando (Mansfield, 2016, local. 20558).

Trecho 14: Carta para Violet Schiff, 24 de agosto de 1922

Eu acho que Prufrock é, de longe, o melhor e mais interessante dos poemas modernos. Ele fica na memória enquanto obra de arte – tão diferente do *Ulisses*. Quanto mais eu me afasto dele, menos eu penso a respeito. E quanto a ler novamente ou sequer abrir aquele grande tomo – nunca! O que eu sinto sobre *Ulisses* é que seu aparecimento em algum momento era inevitável. Há anos as coisas estavam se encaminhando para isso. Ele deveria ser considerado como um aviso prodigioso, mas temo que haja poucas chances disso (Mansfield, 2023e, p. 93-94).

Como no caso de Woolf, é notável que o sentimento de Mansfield perante *Ulisses* é de desconforto. Para ela também a questão da suposta indecência, aqui chamada de vulgaridade, parece quase incontornável. Por isso, talvez, sinta a necessidade de marcar sua postura de desacordo com Joyce. Mansfield chega a admitir, como Woolf não conseguiu fazer de forma plena, que tem medo de confrontar questões relativas à sexualidade e à fisicalidade. A esse ponto, retorno em seguida.

Se pararmos para olhar atentamente os fragmentos acima, veremos que as objeções de Mansfield pouco ultrapassam a questão da vulgaridade. Exceto por ter achado revoltante ouvir Joyce falar das dificuldades do livro e por ter encontrado ali “algo repulsivo”, seus demais argumentos demonstram aprovação e admiração. Mansfield, é verdade, o distingue de Marcel Proust, assim como Woolf, mas, diferentemente da amiga-rival, não o xinga de nada mais grave do que “insensato”. E nesses pontos não seria absurdo concordar com Mansfield: em termos de estilo, Joyce e Proust estão bastante distantes, ainda que isso nada tenha a ver com qualquer superioridade de um ou de outro. Quanto à acusação de insensatez, é possível que nem o próprio Joyce proporia uma defesa contundente.

Para além disso, vemos Mansfield reconhecer que Joyce é “imensamente importante” e que *Ulisses* é “um novo tipo de romance”, e configura-se, portanto, como um “aviso prodigioso”. Ainda que faça questão de afirmar que não está de acordo com o que Joyce está fazendo, parece sagaz a sua afirmação de que o aparecimento de *Ulisses* era, então, inevitável, uma constatação que advém de uma observação competente da literatura contemporânea: há anos ela já se encaminhava para isso. Esta reflexão não pode ser suficientemente desenvolvida aqui, mas é provável que ela tenha reconhecido no livro uma espécie de culminar de tendências que vinham se manifestando desde o século XIX e que florescem, de diferentes formas, tanto em *Ulisses* quanto em *The Waste Land* (ou em “The Love Song of J. Alfred Prufrock”, de 1917, que Mansfield preferia), em “Kew Gardens” ou no seu próprio “Prelúdio”, de 1918, que Clare Hanson posteriormente considerará como um “*Ulisses* em miniatura” (1981, p. 31).

Também não é irrelevante que Mansfield tenha considerado espetacular a representação de Molly e Leopold Bloom e que tenha dado “umas boas risadas” apesar de ter considerado o livro “assustadoramente difícil”. Mas, acima de tudo, interessa aqui observar o que Mansfield escreveu para Sidney Schiff em dezembro de 1921: “a busca pela Verdade”, com V

maiusculo mesmo, “é, de longe, a coisa mais importante”. Esse comentário não se dá ao acaso, já que novos modos de representação da verdade apareciam como objetivo comum da geração que agora chamamos de modernistas. Suas divergências se davam em relação às formas, técnicas ou meios de se efetivar essa representação. Tamanha é a importância dessa busca para Mansfield que, em nome dela, vale a pena “lutar contra nossos preconceitos”, ideia que também não aparece nessa carta por acaso. No curto espaço de duas ou três frases, Mansfield admite que sua leitura é atravessada por “pequenas aversões e preconceitos” e reconhece em *Ulisses* algo que é fundamental para a arte.

A palavra “verdade” também aparece repetidas vezes nas “Notas sobre a leitura de *Ulisses*”, de Virginia Woolf, assim como a ideia de uma possível injustiça em sua leitura de Joyce. Com isso, quero dizer que ambas as autoras leram *Ulisses* de forma bastante parecida, mas que é importante estarmos atentos para as sutilezas que distinguem a posição de cada autora. As duas reagiram de forma ambivalente, alternando entre desagrado e reconhecimento. Woolf, no entanto, oscilou mais intensamente e manifestou suas objeções de forma mais agressiva. Mansfield, por outro lado, parece ter sido mais homogênea em suas afirmações. Suas críticas vieram bastante temperadas se não por admiração, ao menos por um reconhecimento constante. Há críticos que interpretam essa postura ambivalente e contraditória como uma hipocrisia herdada do período vitoriano (Henig, 1973, p. 208), mas, mesmo reconhecendo a validade dessa posição, meu interesse está em observar outras camadas do problema.

Considerações finais

Escolho iniciar estas considerações finais com uma digressão pertinente aos assuntos tratados até aqui. Sabemos que diferentes meios e contextos de leitura e de contato com um texto podem interferir na forma como ele é percebido ou interpretado. Nesse sentido, seria relevante saber em que meio, edição ou formato Mansfield e Woolf leram *Ulisses*, que tem uma história editorial consideravelmente complexa.

É um pouco difícil, no entanto, precisar qual ou quais versões de *Ulisses* as amigas-rivais teriam lido. No caso de Virginia Woolf, temos diversas informações que nos permitem formular hipóteses bem informadas. Sabemos, através de cartas e por relatos de Harriet Shaw Weaver, de Virginia Woolf e de seu marido, que o casal Woolf teve acesso a um manuscrito incompleto entregue a eles pela própria Harriet Weaver. Este episódio é narrado em uma passagem do diário de Virginia Woolf de 1941 (citada no início do presente artigo) e no terceiro volume da autobiografia de Leonard Woolf, intitulada *Begin Again* (igualmente citada aqui). Em suas cartas, Virginia Woolf também afirma ter comprado o “livro azul”, sobre o qual comento a seguir. Como menciono acima, as “Notas de leitura de *Ulisses*” nos indicam que a escritora leu também os capítulos iniciais publicados na *Little Review*. Com isso, conseguimos saber que Virginia Woolf teve acesso a, pelo menos, três versões de *Ulisses*: i) o manuscrito entregue a ela por Harriet Weaver como sugestão de publicação pela Hogarth Press; ii) os capítulos iniciais que saíram na *Little Review* e, iii) o “livro azul”.

No senso comum dos estudos joycianos, o “livro azul” está associado à primeira edição de *Ulisses*, publicada em 02 de fevereiro de 1922 em Paris pela Shakespeare and Company. No entanto, foram diversas edições (ou, pelo menos, reimpressões) de *Ulisses* que apareceram

com a icônica capa azul de letras brancas entre 1922 e 1923 (além da editora de Sylvia Beach, o livro também saiu com capa azul e letras brancas em Londres, pela The Egoist Press) e depois, novamente em 1925 (Amaral, 2022, p. 1133). Virginia Woolf afirma ter concluído a leitura de em 6 de setembro de 1922, conforme cito no trecho 2 acima. Se aceitarmos sua colocação, diferentemente de James Heffernan (2014, p. 14), para quem ela apenas abandonou a leitura, concluiremos que ela só pode ter lido um dos mil exemplares da primeira tiragem da primeira edição, visto que uma segunda impressão apareceu apenas em outubro daquele ano. Além disso, devido ao lugar de privilégio social e artístico ocupado por Woolf, não seria surpreendente que ela tivesse recebido ou adquirido uma dessas primeiras mil cópias.

A ambivalência da leitura que Virginia Woolf fez de *Ulisses* vem sendo apontada desde os anos 1980 por Suzette Henke (1986 e 1990) e, mais recentemente, foi detalhada também por Ferrer (2006) e Heffernan (2014) na crítica de língua inglesa e, no Brasil, por Donada (2021) e Viana (2022). Ainda que algumas tentativas de compreender a posição de Woolf como unívoca persistam,³ o leitor interessado no assunto tem um ponto de partida a seu dispor. O caso da resposta de Katherine Mansfield ao romance de Joyce é diferente. Pesquisas detalhadas que procurem averiguar sua posição a partir de um estudo contextualizado dos comentários que fez em cartas, diários ou resenhas ainda não são conhecidas. Existem, isso sim, uma série de aproximações entre a sua escrita e a de James Joyce,⁴ mas não uma análise sustentada de sua relação com *Ulisses* ou com a obra de Joyce como um todo. Isso se deve a vários motivos, o mais forte dos quais talvez seja o fato de Mansfield ter morrido tão pouco tempo depois da publicação do romance. Diferentemente do que acontece com Woolf, não temos como observá-la retornar repetidas vezes ao assunto.

Sobre qual ou quais versões ou edições de *Ulisses* Mansfield teria lido temos poucas informações. Sabemos que ela leu *O retrato do artista quando jovem* (trecho 9), mas não temos uma afirmação igualmente clara sobre uma leitura do próximo romance de Joyce. O relato de Woolf nos conta que Mansfield também teria tido acesso ao manuscrito entregue ao casal Woolf por Harriet Shaw Weaver, mas não sabemos o quanto dessa versão ela, de fato, conseguiu ler. O que sabemos de mais concreto é que Mansfield, diferentemente de Woolf, conheceu Joyce pessoalmente e ficou impactada ao ouvir o autor falar de sua obra, como relata em carta citada no trecho 12. Seriam as interpretações que ela faz (especialmente nos trechos 12 e 13) baseadas mais nas palavras de Joyce do que na leitura do texto? Teria ela recebido uma cópia do próprio autor na ocasião do encontro? Ou teria adquirido uma das mil cópias iniciais? Afinal de contas, as duas cartas em questão datam de abril e maio de 1922, apenas dois meses após a primeira publicação. Sabemos que é um tempo exíguo para a leitura, mas também sabemos que, por questões de saúde, Mansfield passava longos períodos acamada e, nesses momentos, lia vorazmente. Cabe aqui mais um tanto de pesquisa.

De qualquer forma, a questão aqui está nas tensões, intenções e atravessamentos que marcam a forma com Mansfield e Woolf leram *Ulisses*, não apenas pela relevância do romance em si e das autoras em questão, mas também pelo que suas reações nos podem deixar conhecer sobre certas dinâmicas internas desses a que hoje chamamos modernistas. As semelhan-

³ Ver os casos relativamente recentes de Lemasson, para quem “o sucesso estrondoso [de *Ulisses*] (...) não pode ser outra coisa [para Woolf] além de um motivo de ciúme” (2011, p. 86) e de Silva, para quem “*Ulisses* representava [para Woolf] uma obra falha” (2020, p. 75).

⁴ Casos interessantes são os de Kimber e Wilson (2018) e Todd Martin (2021). Kaplan (1991) também aproxima a obra de Mansfield a de autores homens do modernismo anglófono, como Eliot, Joyce e Pound.

ças entre as leituras que as amigas-rivais fizeram de *Ulisses* são notáveis e não carecem de explanação. São as sutilezas das diferenças que nos indicam particularidades da visão de cada autora, não apenas da obra em questão, mas da literatura de seu tempo. Jeffrey Meyers sintetiza de forma interessante as diferenças entre a posição de Woolf e a de Mansfield sobre o mais polêmico aspecto de *Ulisses* à época.

A diferença entre as crenças de Virginia e de Katherine sobre vulgaridade e sentimento também se reflete na atitude de cada uma em relação a romancistas contemporâneos. Virginia se recusava a reconhecer a grandeza das obras de Lawrence e condenava *Ulisses*, que ela considerava ‘inculto’ (...) enquanto Katherine admirava Lawrence e, quando leu *Ulisses* (...) superou sua hostilidade inicial e reconheceu sua importância (Meyers, 2002, p. 176).

Se, por um lado, Woolf parece ter um ímpeto mais forte de descartar *Ulisses*, por outro, ela hesita em fazê-lo e toma o cuidado de repetidamente observar que leu apenas uma vez ou que leu apressadamente ou, ainda, que não leu a obra na íntegra. É como se ela precisasse deixar uma fresta aberta para poder escapar de uma responsabilidade futura e não precisar ocupar o lugar de quem rejeitou uma grande obra de arte. Naturalmente, isso ocorre porque Woolf intui, já no início da leitura, que havia algo notável em Joyce e em seu experimento. Aos poucos, esse reconhecimento começa a aparecer em seus escritos, ainda que não consiga se manifestar de forma plena. Mansfield não parece ter esse ímpeto. Ela faz questão de afirmar que não está de acordo com Joyce, mas suas objeções não parecem ir muito além da forma aberta e, digamos, realista com que Joyce representa questões de corporalidade e sexualidade. Mais prontamente do que Woolf, Mansfield reconhece que há algo no controverso livro azul que merece estar na história da literatura.

Meyers, um dos poucos biógrafos de Mansfield que se ocupou de sua relação com Joyce, considera que ela se sentiu “chocada pela linguagem de Joyce e repudiou seu realismo” (2002, p. 275). Ainda que a posição de Mansfield inicialmente pareça (e talvez até seja) moralista, há aqui uma questão de estilo que deve ser observada. Hanson (1990, p. 301) definiu o estilo de sua escrita como “extremamente indireto e oblíquo”. E, de fato, se olharmos para sua produção escrita, seja ela ficcional, íntima ou ensaística, veremos a constância de sua obliquidade. Imagens célebres de seus contos, como a babosa em *Prelúdio*, a pereira em “Felicidade” ou a lâmpada em “A casa de bonecas” são imagens carregadas de potencial simbólico que comunicam sem jamais dizer diretamente. Há também o caso de contos que terminam com perguntas como “A festa no jardim”, pois o efeito que se pretende produzir está para além da representação direta. E isso não se dá ao acaso: Mansfield era bastante consciente de seu método de trabalho, sobre o qual escreveu repetidas vezes.⁵ Para ela “a emoção surge deliberadamente ao olhar longamente para alguma coisa” (Mansfield, 2023, p. 42). A imprecisão e a obliquidade de sua escrita favorecem justamente esse olhar demorado sobre imagens e questões que não se entregam facilmente à interpretação. Então, de uma perspectiva estilística, Mansfield realmente não estava de acordo com o realismo de Joyce, pelo menos não com os

⁵ Para um comentário mais detido sobre o método de Mansfield, ver Donada, 2023, p. 30-45.

momentos de sua obra em que o mundo material aparece diretamente representado em sua fisicalidade e brutalidade (pois sabemos que o estilo de Joyce não é isento de obliquidade).

Mas a questão das semelhanças e diferenças de estilo entre Joyce, Mansfield e Woolf, ainda que frutífera, não cabe neste espaço. É o caso, isso sim, de compreendermos que a reação das amigas-rivais a *Ulisses* não pode ser tratada de forma unívoca. Parece haver uma tendência em se observar, principalmente na reação de Woolf, “uma resposta emocional ao invés de um julgamento de valor ponderado ou justificado” (Henig, 1973, p. 205). É claro que não pretendo afirmar que não haja um elemento fortemente emocional na leitura das autoras. A ideia de uma isenção emocional nem me convence, nem me interessa. Se, como afirma Henig, Virginia Woolf jamais escreveu abertamente sobre sexo (como fizeram Joyce e Lawrence, por exemplo), concluir que isso se deu porque ela não acreditava na liberdade sexual das mulheres (Henig, 1973, p. 205) parece ser um passo demasiadamente largo. É preciso lembrar que, para além das consequências que uma mulher poderia ter que enfrentar por abordar diretamente o assunto, tanto Mansfield quanto Woolf tiveram, na juventude, experiências traumáticas ligadas à sexualidade. Escrever abertamente sobre sexo era uma experiência muito diferente para Mansfield e Woolf do que para Joyce e Lawrence. E, de qualquer forma, não acreditar na liberdade sexual feminina é diferente de não conseguir vivenciar ou representar essa liberdade abertamente. E, se lembrarmos que para os três artistas em questão aqui a arte não se separava da vida, entenderemos que as questões estilísticas também não estão necessariamente separadas das emocionais, que também não prescindem inevitavelmente de julgamentos ponderados.

Agradecimentos

Agradeço enormemente ao Vitor Alevato do Amaral pela leitura deste texto e pela valiosa discussão que se seguiu. Ao Miguel Afonso Martini, agradeço pelo interesse e pelo tempo dedicado à revisão geral do artigo. Meu muito obrigada.

Referências

BELÉM, Euler de França. Cartas de Katherine Mansfield revelam preferência por Proust e Tchekhov e certo desprezo por Joyce. *Jornal Opção*, 06 out. 2020. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/imprensa/cartas-de-katherine-mansfield-revelam-preferencia-por-proust-e-tchekhov-e-certo-desprezo-por-joyce-287780/>. Acesso em: 18 out. 2023.

DONADA, Jaqueline Bohn. *Tradição e modernidade: o modernismo anglófono em tradução de ensaios, cartas & diários*. Volume 1: Virginia Woolf. Curitiba: EDUFPR, 2021.

DONADA, Jaqueline Bohn (org). *Tradição e modernidade: o modernismo anglófono em tradução de ensaios, cartas & diários*. v. 2: Katherine Mansfield. Porto Alegre: Bestiário, 2023.

ELIOT, T. S. Letter to Scofield Thayer, 30 de junho de 1918. In: ELIOT, Valerie (ed.). *The Letters of T. S. Eliot*. San Diego: Harcourt Brace Jovanovich, 1988. p. 236-237.

ELLMANN, Richard. *James Joyce*. Oxford: Oxford University Press, 1982.

FERRER, Daniel. The Work of Joyce in the Age of Hypertextual Production. In: ARMAND, Louis. *Joycemia: James Joyce, Hypermedia and Textual Genetics*. Prague: Litteraria Pragensia, 2006. p. 86-104.

GERRI, Kimber; WILSON, Janet. (eds.) *Re-forming World Literature. Katherine Mansfield and the Modernist Short Story*. Stuttgart: Ibidem Press, 2018.

HANSON, Clare. Katherine Mansfield and Symbolism: the artist's method in Prelude. *The Journal of Commonwealth Literature*, v. 16, n. 1, p. 25-39. Disponível em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/002198948101600106> Acesso em: 24 out. 2023.

HANSON, Clare. Katherine Mansfield. In: SCOTT, Bonnie Kime. *The Gender of Modernism: A Critical Anthology*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1990. p. 298-305.

HEFFERNAN, James A. W. Tracking a Reader: What Virginia Woolf Really Think of *Ulysses*? In: CANANI, Marco; SULLAM, Sara. *Parallaxes: Virginia Woolf Meets James Joyce*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014. p. 2-24.

HENIG, Suzanne. Ulysses in Bloomsbury. *James Joyce Quarterly*. v. 10, n. 2, 1973, p. 203-208. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/25487037>. Acesso em: 03 out. 2023.

HENKE, Suzette A. Virginia Woolf (1882-1941) The Modern Tradition. In: SCOTT, Bonnie Kime. *The Gender of Modernism: A critical Anthology*. Indiana University Press, 1990. p. 622-628.

HENKE, Suzette. Virginia Woolf reads James Joyce. In: BEJA, Morris et al. *James Joyce The Centennial Symposium*. Urbana e Chicago: University of Illinois Press, 1986. p. 39-42.

KAPLAN, Sydney Janet. *Katherine Mansfield and the Origins of Modernist Fiction*. Ithaca: Cornell University Press, 1991.

LEMASSON, Alexandra. *Virginia Woolf*. Tradução de Ilana Heineberg. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2011.

MANSFIELD, Katherine. Carta para Dorothy Brett, 1 de Maio de 1922. In: MANSFIELD, Katherine. *Katherine Mansfield: The Complete Collection*. Edição do Kindle, 2016. p. 20558.

MANSFIELD, Katherine. Carta para Sidney Schiff, c. 18 de janeiro de 1922. In: DONADA, Jaqueline Bohn (org). *Tradição e modernidade: o modernismo anglófono em tradução de ensaios, cartas & diários*. Porto Alegre: Bestiário, 2023b. p. 85-87.

MANSFIELD, Katherine. Carta para Sidney Schiff, dezembro de 1921. In: DONADA, Jaqueline Bohn (org). *Tradição e modernidade: o modernismo anglófono em tradução de ensaios, cartas & diários*. Porto Alegre: Bestiário, 2023a. p. 81.

MANSFIELD, Katherine. Carta para Sidney Schiff, dezembro de 1921. In: DONADA, Jaqueline Bohn (org). *Tradição e modernidade: o modernismo anglófono em tradução de ensaios, cartas & diários*. v. 2: Katherine Mansfield. Porto Alegre: Bestiário, 2023c. p. 83-84.

MANSFIELD, Katherine. Carta para Violet Schiff, 01 de abril de 1922. In: DONADA, Jaqueline Bohn (org). *Tradição e modernidade: o modernismo anglófono em tradução de ensaios, cartas & diários*. v. 2: Katherine Mansfield. Porto Alegre: Bestiário, 2023d. p. 88-89.

MANSFIELD, Katherine. Carta para Violet Schiff, 24 de agosto de 1922. In: DONADA, Jaqueline Bohn (org). *Tradição e modernidade: o modernismo anglófono em tradução de ensaios, cartas & diários*. v. 2: Katherine Mansfield. Porto Alegre: Bestiário, 2023e. p. 93-94.

MARTIN, Todd. Introduction: Expanding the Horizon of Katherine Mansfield Studies. In: MARTIN, Todd (ed). *The Bloomsbury Handbook to Katherine Mansfield*. London: Bloomsbury Academic, 2021. p. 1-18.

MEYERS, Jeffrey. *Katherine Mansfield, A Darker View*. Nova Iorque: Cooper Square Press, 2002.

SILVA, Marcilene Rodrigues da. Uma artista em conflito: o ato crítico-criativo de Virginia Woolf. In: MACHADO, Madalena (org.). *Olhar a vida, escrever literatura: questão de arte*. Pontes e Lacerda: UNEMAT Editora, 2020. p. 70-80.

VIANA, Maria Rita Drummond. Virginia Woolf leitora de Joyce: o testemunho de suas cartas em tradução para o português do Brasil. *Ipotesi*. Revista de Estudos Literários, v. 26, n.1, p. 209-214, jan-jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/ipotesi/article/view/38868>. Acesso em: 02 abr. 2025.

WOOLF, Leonard. *Begin Again: An Autobiography of the Years 1911-1918*. London: The Hogarth Press, 1972.

WOOLF, Virginia. Carta para Gerald Brennand, 25 de dezembro de 1922. In: DONADA, Jaqueline Bohn. *Tradição e modernidade: o modernismo anglófono em tradução de ensaios, cartas & diários*. Volume 1: Virginia Woolf. Curitiba: EDUFPR, 2021b. p. 53-59.

WOOLF, Virginia. Diário: quarta-feira, 6 de setembro de 1922. In: DONADA, Jaqueline Bohn. *Tradição e modernidade: o modernismo anglófono em tradução de ensaios, cartas & diários*. v. 1: Virginia Woolf. Curitiba: EDUFPR, 2021. p. 61-68.

WOOLF, Virginia. Notas sobre a leitura de *Ulisses*. In: DONADA, Jaqueline Bohn. *Tradição e modernidade: o modernismo anglófono em tradução de ensaios, cartas & diários*. v. 1: Virginia Woolf. Curitiba: EDUFPR, 2021c. p. 69-82.

WOOLF, Virginia. *Virginia Woolf: The Complete Collection*. Pandora's Box. Edição do Kindle, 2016.